

A pesquisa com crianças e mídia: alguns apontamentos teórico-metodológicos¹

Marluci Guthiá FERREIRA²

Resumo

Este texto trata de identificar a opção teórica e metodológica de alguns pesquisadores brasileiros ao realizar estudos de recepção midiática por crianças, sobretudo a televisão. Ao longo dos anos vem se realizando diversas pesquisas sobre as tecnologias da informação e comunicação, especialmente estudos que discutem a relação entre a mídia, os receptores e os contextos sociais e culturais em que essas narrativas midiáticas circulam. A partir disso, o que se propõe aqui é elucidar alguns indicativos de pesquisas recentes, identificando a abordagem teórico-metodológica nos estudos da relação recepção infantil e mídia televisiva.

Palavras-chave: Crianças. Televisão. Mídia. Infância. Metodologias de pesquisa.

Introdução

Este texto trata de identificar a opção teórica e metodológica de alguns pesquisadores brasileiros ao realizar estudos de recepção midiática por crianças, sobretudo a televisão.

Ao longo dos anos vem se realizando diversas pesquisas sobre as tecnologias da informação e comunicação, especialmente estudos que discutem a relação entre a mídia, os receptores e os contextos sociais e culturais em que essas narrativas midiáticas circulam.

A partir disso, o que se propõe aqui é elucidar alguns indicativos de pesquisas recentes, identificando a abordagem teórico-metodológica nos estudos da relação recepção infantil e mídia televisiva.

¹ Este texto é uma versão ampliada do artigo científico apresentado ao eixo temático “Comunicação Corporativa e Práticas de Produção e Consumo Online”, do V Simpósio Nacional da ABCiber (2011).

² Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina/ PPGE-UFSC. Professora Titular do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José - USJ. Pesquisadora do Grupo EDUMÍDIA – Educação, Comunicação e Mídias/ UFSC/ CNPq. Endereço eletrônico: marlucigf@yahoo.com.br .

Estudos de recepção: breves questões conceituais

Parece-me que há uma questão que pode ser tomada como ponto inicial para a discussão: o que é, afinal, um estudo de recepção?

Martín-Barbero, uma referência latino-americana nos estudos de recepção, na obra *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia* (1997), originalmente escrito em 1987, aborda essa questão a partir do conceito de ‘mediação’, onde mediações “*são esse lugar a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção*”, apontando a necessidade de considerar um sujeito-receptor no processo de comunicação, vislumbrando a criatividade, a inovação, a permanente ‘negociação de sentidos’ na interação com os meios.

A respeito desse entendimento, Sousa (1995) afirma que,

De fato, a relação de predomínio do emissor sobre o receptor é a idéia que primeiro desponta, sugerindo uma relação básica de poder, em que a associação entre passividade e receptor é evidente. Como se houvesse uma relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um pólo, o emissor, sobre outro, o receptor; uma relação que subentende um emissor genérico, macro, sistema, rede de veículos de comunicação, e um receptor específico, indivíduo, despojado, fraco, micro, decodificador, consumidor de supérfluos; como se existissem dois pólos que necessariamente se opõem, e não eixos de um processo mais amplo e complexo, por isso mesmo, também permeado por contradições (SOUSA, 1995, p.14).

Neste sentido, partilho das ideias defendidas por esses autores, entendendo que no processo de comunicação há uma relação complexa, multifacetada, em que o sujeito-receptor ressignifica os enunciados midiáticos, realiza negociações e consegue resistir às lógicas dos meios de comunicação.

Girardello e Fantin (2009) apontam a produção de Barbero como tendo forte influência nas investigações de recepção nas últimas décadas no Brasil. As autoras ressaltam que “*toda recepção midiática envolve a produção de sentidos, a construção subjetiva de significados, ideia comum a todas as teorias da recepção, ou de investigação de audiência*” (p.11). E na obra de Martín-Barbero “*essa construção negociada de significados se dá através de mediações como a da família, a da cultura e da repetição ritual [...]*”(idem).

Assim, olhar a comunicação sob o prisma das *mediações* proposta por Barbero significa compreender que entre a produção e a recepção existe um espaço onde as práticas culturais cotidianas se concretizam. Nas palavras de Barbero,

O consumo não é apenas a reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 290).

Destaquei aqui algumas questões conceituais nos estudos de recepção, apoiada especialmente no referencial de Jesús Martín-Barbero, buscando apontar indicativos para pensar a pesquisa de recepção midiática com crianças.

Nesse sentido, abordarei na seção seguinte algumas pesquisas brasileiras acerca da recepção televisiva e o público infantil, numa tentativa de colocar em evidência as opções teórico-metodológicas dos investigadores.

Estudos de recepção: as opções teórico-metodológicas dos pesquisadores

[...] a pesquisa com a criança é também um modo de compreendermos criticamente a produção cultural de nossa época, e os lugares sociais que adultos e crianças ocupam neste processo de criação. Portanto, é na relação dialógica e alteritária do adulto com a criança que encontramos o fundamento teórico-metodológico da pesquisa sobre a interação da criança com a televisão, tendo o lúdico como linguagem mediadora dessa relação (SALGADO et al., 2005, p.10).

A partir da citação acima, extraída do artigo “*Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão*”, publicado em 2005, já é possível apreender o aporte teórico das pesquisadoras, que tomam “*como base a teoria de Mikhail Bakhtin, especialmente a relação dialógica e alteritária do adulto com a criança, além de ter como eixo de análise a brincadeira, aspecto fundamental da linguagem na interação da criança com a televisão*” (SALGADO et al., 2005, p.9). No artigo, as autoras tecem reflexões como resultado de uma pesquisa de campo realizada com um grupo de 21 crianças da educação infantil, com idade entre 5 e 6 anos.

Segundo Salgado et al. (idem) é um desafio tentar construir um olhar dialético que possa transitar entre a atenção e o hábito, e é exatamente isso que movimenta as pesquisadoras, isto é, compreender os sentidos que meninos e meninas constroem a partir das interações que estabelecem com a narrativa televisiva e suas variadas formas de programação. Buscando enfrentar esse desafio, as investigadoras optaram por realizar uma pesquisa com caráter de intervenção. Pois,

A pesquisa-intervenção traduz uma concepção de produção de conhecimento compartilhado entre pesquisador e os sujeitos envolvidos. Isso significa que os resultados são constantemente transformados em processos, o que define esta abordagem como tendo uma dimensão política, além de educativa, que se dá propriamente durante o desenvolvimento do trabalho de campo. Os pressupostos da pesquisa-intervenção sublinham a intrínseca relação entre pensamento e ação e o comprometimento político e ético com a produção de um conhecimento compartilhado (SALGADO et al., 2005, Nota explicativa nº 2, pp. 22-23).

Assim, naquele estudo, a pesquisa-intervenção se desenvolveu por meio da criação de estratégias metodológicas e o uso de aparatos tecnológicos de produção/reprodução de imagens (câmera fotográfica, vídeo, câmera digital etc.), a fim de mediar, através de oficinas, os processos de criação de narrativas e incentivar a experimentação e transformação subjetiva do público-alvo nos espaços formais de educação.

No contexto dessa investigação, as pesquisadoras utilizaram o *estranhamento* como estratégia de pesquisa, pois a intenção foi “*introduzir o estranhamento no olhar e desconstruir o hábito de ver imagens que se sucedem sem interrupção*” (p.13). Foi necessário, nas palavras das autoras,

[...] recuperar a atenção e a reflexão no que é apenas dispersão e, desse modo, reinventar possibilidades de contar histórias hoje, dar sentido às imagens que se apresentam como pura intermitência, imagens que escapam aos olhos e à razão. Atribuir sentidos às imagens buscando nelas ou atribuindo a elas uma história é também cultivar a possibilidade de contar nossa própria história, recuperando a narrativa e a atenção, sem abdicar da nossa relação com as imagens – signos da cultura contemporânea (idem).

De acordo com Salgado et al. (2005), o uso do vídeo pode favorecer o movimento do *estranhamento*, na medida em que na pesquisa com crianças esse aparato tecnológico possivelmente provocará o distanciamento crítico. “Ao entrar em contato com a sua imagem no vídeo, a criança pode ver-se como um outro, instaurando consigo própria uma relação alteritária, caracterizada por um distanciamento crítico sobre suas atitudes, falas, olhares, sentimentos e representações” (idem, p.20).

Estas autoras ressaltam que o uso da videogravação, além de ser uma importante fonte de coleta de dados, pode se caracterizar como uma condição onde as crianças terão a oportunidade de elaborar conhecimentos sobre as práticas cotidianas e suas representações, a partir das interações com a mídia televisiva, registradas no audiovisual.

A pesquisa-intervenção proposta por Salgado et al. (2005, p.18) é realizada através de dois tipos de trabalho com a narrativa televisiva e a sua programação, conforme descrevem as autoras:

um que diz respeito à construção de um outro tipo de audiência suscitado pela exibição de imagens/sons veiculados cotidianamente, como disparador de diversificadas formas de discussão com o grupo de interlocutores infantis, ou seja, debates, brincadeiras, desenhos etc.; e outro, que visa à produção artesanal, pelas crianças, de imagens orientadas pela especificidade da linguagem televisiva. Com a ajuda de câmera e vídeo, aventuramo-nos, pesquisadoras, professoras e crianças, nos segredos dessa linguagem técnica: gravando, editando, exibindo, comentando as próprias produções.

É importante ressaltar que essas pesquisadoras utilizaram a brincadeira, por ser constituinte da subjetividade infantil, como foco de análise e eixo metodológico para compreender a criança na sua particularidade e em sua relação com a televisão. Pois, “*não se pode pensar no brincar como um mimetismo daquilo que a criança observa e experimenta no cotidiano, mas como apropriações dessas experiências*” (idem, p.16).

Por fim, outro ponto fundamental destacado pelas pesquisadoras ao se realizar uma investigação com crianças é considerar o princípio metodológico da *dialogia* nesse processo. Ou seja, é preciso lembrar que “*o pesquisador é sempre o adulto – um Outro por excelência com relação à criança –, significa deixar ouvir as vozes que foram ou que estão emudecidas*” (idem). Nas preciosas palavras das autoras:

Em uma cultura infantil, em que a presença do adulto (seus valores, sua autoridade, seu saber e suas experiências) tem se esvaziado a cada dia, o resgate do diálogo entre crianças e adultos, mais que um princípio metodológico, consiste em um princípio educativo, de modo que o adulto possa compreender a criança, deixando-se surpreender pela sua singularidade, e a criança possa ver no adulto, outras formas de perceber e lidar com a vida contemporânea (SALGADO et al., 2005, p. 16).

A respeito de estudos com o ‘público infantil’ e a preocupação de muitos pesquisadores em “dar a voz” às crianças, o autor britânico David Buckingham ressalta que é preciso considerar que sempre estaremos definindo esse público a partir de modos parciais e particulares de investigação. Nas palavras do autor,

[...] estamos todos engajados na *construção* desse objeto, buscando atender aos nossos próprios interesses e objetivos. Assim, descrevemos, medimos e analisamos o público de diferentes modos: expressamos nossa preocupação e ansiedade a respeito dele, o observamos, o contamos, o interrogamos, fazemos experiências com ele, tentamos entretê-lo, informá-lo, manipulá-lo, conceder-lhe poderes, e alguns de nós até gostam de imaginar que estão falando em nome desse público, ou “dando-lhe uma voz”. Porém, não importa o quanto essas atividades possam ser objetivas ou abertas, elas inevitavelmente definem o público a partir de modos parciais e particulares (BUCKINGHAM, 2007, p. 150).

De acordo com Buckingham, o debate acerca da relação das crianças com as mídias, tanto na academia como em outros espaços, configura-se sempre como um discurso sobre *outras* pessoas. Portanto, o autor enfatiza que,

Nesse processo, inevitavelmente nos posicionamos a respeito de quem são essas outras pessoas – e neste caso a respeito do que é ou deveria ser a “infância”. Esses posicionamentos podem ser silenciosos, mas mesmo assim permeiam tudo o que fazemos: informam nossas perguntas, os métodos de investigação que adotamos e os critérios que usamos para definir o que deve ser considerado conhecimento válido (BUCKINGHAM, 2007, p. 151).

Neste sentido, é preciso cautela na realização de investigações e na produção de discursos sobre o público infantil e sua relação com as mídias, pois “essas construções claramente *fazem uma diferença* na vida das crianças reais: elas informam a criação das

políticas culturais e as práticas de regulamentação e produção de mídia, assim como as ações de pais e professores” (BUCKINGHAM, 2007, p. 152, grifos do autor).

No texto intitulado *A pesquisa de recepção com crianças: mídia, cultura e cotidiano* (2009), as pesquisadoras Gilka Girardello e Maria Isabel Orofino procuram elucidar alguns indicativos na busca da compreensão da experiência cultural das crianças com as mídias, especialmente a televisão. Para isso, as autoras discutem alguns aspectos da pesquisa de recepção junto a crianças, na perspectiva crítica das etnografias de audiência, tomando como base uma pesquisa realizada com crianças da primeira série do ensino fundamental em 2001 em Florianópolis – Santa Catarina, intitulada *O Imaginário Infantil e as Mídias*. Com esse estudo, as pesquisadoras pretendiam:

contextualizar a recepção das mídias nos quadros do cotidiano e da mediação adulta disponível; fazer um levantamento dos temas, histórias e personagens que apareciam como importantes no universo imaginário das crianças; e, construir uma amostra mais representativa em termos numéricos, para que pudéssemos ancorar as técnicas qualitativas em alguns recursos quantitativos (GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 24).

Essas pesquisadoras justificam a necessidade de contextualizar a recepção das mídias no cotidiano das crianças porque elas acreditam que, como proposta das etnografias de audiência, “o consumo das mídias está mergulhado nas rotinas, rituais e instituições – públicas e domésticas – do cotidiano [...] e que seus significados são inseparáveis desses contextos e negociados dentro deles” (SEITER, 1999, p.2 *apud* GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 24).

Segundo Girardello e Orofino (2009), por lidarem nessa pesquisa com crianças entre 7 e 8 anos de idade em média, que ainda não apresentavam desenvoltura no processo de leitura e escrita, optou-se por utilizar três instrumentos de coleta de dados: entrevistas realizadas com cada criança sobre “*práticas culturais e consumo de mídias*”; grupos de discussão com quatro crianças em cada instituição de ensino; e, por último, uma técnica de múltipla escolha, onde em uma folha de papel ilustrada, as crianças de maneira lúdica elegeram, em ordem decrescente, as três mídias favoritas. Em relação aos grupos de discussão, as investigadoras destacam que:

[...] propusemos temas geradores ligados a *qualidade de vida*, (“como é um dia bom na vida de uma criança?”) *identificações* (“se tivesses que ser outra pessoa, quem gostarias de ser?”; “quem são os maiores ídolos das crianças que conheces?”) *cidadania* (“se fosse eleito/a prefeito/a da cidade, o que farias?”; “se fosse diretor/a da escola, o que farias?”) e *imaginário* (“qual o teu maior medo?”; “qual a tua maior esperança?”; “se pudesses fazer três pedidos a uma lâmpada maravilhosa, o que pedirias?”) (GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 44).

Para a análise do material empírico, Girardello e Orofino tomaram como referência os trabalhos que pesquisam a relação das crianças com as mídias a partir dos estudos culturais, das análises do discurso e da semiótica, como os trabalhos com etnografia de audiência infantil realizados, por exemplo, por Guillermo Orozco Gómez (1996) na América Latina; os estudos dos australianos Bob Hodge e David Tripp (1986), e do inglês David Buckingham (1993).

Da obra escrita em 1986 por Hodge e Tripp, *Children and Television: a semiotic approach*, elas destacam a seguinte premissa central dos autores: “os poderes semióticos das crianças e a complexidade dos significados que elas constroem”. E, acrescentam as pesquisadoras: “Isso não significa, dizem eles, que todas as crianças sejam igualmente “ativas” em quaisquer circunstâncias, e a grande ênfase dos autores está justamente na produção de sentido pelas crianças durante e após a audiência aos programas de televisão” (GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 26).

A respeito da metodologia de análise da relação das crianças com as mídias, as pesquisadoras destacam que a principal diretriz metodológica de Buckingham pode ser resumida numa afirmação do autor: “Nem o significado do texto nem o das posições sociais das crianças são inteiramente dados: embora com limitações, ambos são estabelecidos e negociados *simultaneamente* através da conversa” (BUCKINGHAM, 1993, p.59 *apud* GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 27, grifos do autor). Assim, segundo as pesquisadoras, o autor considera fundamental uma abordagem equilibrada nas pesquisas, ou seja, “mais cautelosa e auto-reflexiva na interpretação dos dados de audiência, que dê o peso devido às relações entre a fala das crianças e os contextos sociais nos quais ela é produzida.” (BUCKINGHAM, 1991, p.229 *apud* GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 28).

Para Buckingham, há um equívoco nas perspectivas apresentadas geralmente no debate acerca da relação crianças e mídias: “considerar que as crianças sejam *ou* vítimas

passivas da mídia *ou* consumidoras ativas significa efetivamente vê-las como isoladas dos processos de mudança social e cultural mais amplos” (BUCKINGHAM, 2007, p.119, grifos do autor). David Buckingham é contra essa polarização no discurso e defende uma abordagem mais plenamente social da relação entre as crianças e as mídias.

Girardello e Orofino destacam que todos os autores tomados como referências no seu estudo, apontam a necessidade de que se ouça as crianças e se recusam à análise da produção midiática para crianças baseada apenas nos textos, pois

saber se as crianças abraçam ou resistem a uma lição ou a uma mensagem das mídias é uma questão muito complexa, contingente e contextual, que só pode ser respondida se fizermos leituras cuidadosas e matizadas das interações de crianças específicas com textos culturais específicos (TOBIN, 2000, p.148 *apud* GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 30).

As pesquisadoras justificam a escolha da escola como campo de pesquisa e coleta de material empírico ao afirmarem que:

Nossa escolha também privilegiou o espaço escolar enquanto local de encontro e reunião de crianças, ainda que estivéssemos atentas ao fato de que ele não reproduz de modo algum o cenário direto da recepção. A escola possibilita, sim, o acesso a um vasto número de crianças de contextos distintos, não sendo compreendida aqui como um espaço homogêneo em termos de padrões de consumo cultural. Ainda assim, permite a realização de inferências, sobretudo com respeito a distinções da ordem da economia moral, de classe social, gênero, etnicidade e outras (GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 30-31).

Para finalizar, Girardello e Orofino salientam a importância de analisar cuidadosamente a relação recepção infantil e narrativa midiática, pois “tal como acontece entre os espectadores adultos, há uma grande diversidade na condição da recepção, que nos faz rever os clichês de interpretação e examinar com cautela as análises excessivamente generalizantes” (GIRARDELLO & OROFINO, 2009, p. 41).

No texto *A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas*, publicado em 2009, a autora Mônica Fantin explicita as escolhas teórico-metodológicas ao desenvolver um estudo acerca da relação crianças e mídia no espaço escolar, especificamente a relação com o cinema.

Fantin afirma que na pesquisa com crianças é preciso discutir algumas questões éticas para desenvolver as investigações. A autora toma como referência os estudos de Bogdan e Biklen para apontar alguns princípios éticos que têm orientado a pesquisa qualitativa em educação:

- as identidades dos sujeitos devem ser preservadas a fim de não causar qualquer tipo de transtorno ou risco, e o anonimato deve contemplar não apenas o material escrito e os relatos verbais, como também as imagens recolhidas durante a investigação;
- os sujeitos devem ser tratados com respeito a fim de obter sua cooperação na investigação, e, ainda que haja o uso de pesquisa dissimulada, existe um consenso quanto à explicitação dos procedimentos de pesquisa e das informações sobre as formas de registro das conversas ou imagens para obtenção do consentimento;
- a autorização para desenvolver a pesquisa deve ser clara e explícita, e os termos do acordo quanto aos resultados da pesquisa devem ser respeitados;
- a autenticidade no registro dos resultados implica a fidelidade aos dados obtidos, mesmo que, por razões diversas, as conclusões possam não agradar a alguém (BOGDAN, R.; BIKLEN, S., 1994, p. 77 *apud* FANTIN, 2009, p. 48-49).

A pesquisadora também indica a necessidade do diálogo com as crianças nas pesquisas, buscando garantir que as vozes de meninos e meninas estejam presentes nas investigações.

Para a realização de pesquisas acerca da relação crianças e mídias, Fantin destaca resumidamente algumas questões importantes a considerar:

- **A concepção de infância e de criança que norteia a pesquisa:** deve estar articulada com as escolhas teórico-metodológicas, e esta coerência deve ser assegurada em todos os procedimentos adotados. Tal relação não é natural e necessita ser construída em uma reflexão constante [...].
- **O papel da criança na pesquisa:** tem sido foco de reflexões de diversos pesquisadores há muito tempo. [...] Da problematização do entendimento da criança como objeto de pesquisa ou informante principal, surge uma perspectiva que busca entender a criança como sujeito e amplificar as suas vozes, seus olhares e sua participação na pesquisa [...].
- **A preservação ou não da identidade:** [...] Quando se decide identificar o sujeito e revelar sua autoria, é importante que isso não ofereça riscos às crianças e que seja explicado previamente aos responsáveis, além de esclarecer as formas de participação das crianças na pesquisa, as possíveis devoluções e os resultados parciais, obtendo previamente a autorização das crianças e de seus responsáveis [...].

- **O uso de imagens:** em relação ao uso de imagens de crianças, é bom lembrar que junto ao anonimato do nome da criança, há que se ter também o cuidado de não expor a sua imagem, [...]. É necessário discutir em que medida o uso da imagem, [...] é necessário à pesquisa [...].

- **A transcrição das falas das crianças:** quando se transcreve a fala das crianças é necessário pensar nos critérios éticos e estéticos envolvidos no processo. [...] há que diferenciar entre quando a fala é um registro do oral e quando é a produção escrita do outro. [...].

- **O retorno e as formas de devolução dos resultados na pesquisa:** o retorno da pesquisa aos envolvidos pode acontecer em diferentes momentos: como combinado de contrapartida inicial, como resultados parciais durante o processo de investigação (produções das crianças, por exemplo), como socialização de resultados obtidos no final da pesquisa, e como divulgação em momentos e situações especialmente pensados para tal.[...]. (FANTIN, 2009, p. 51-54, grifos do autor).

De acordo com Fantin, para compreender os sentidos e as significações das crianças a partir das suas experiências com as mídias, é preciso ir além de uma aproximação desse público, pois o pesquisador precisa estar alicerçado em instrumentos teórico-metodológicos que contribuam na investigação desses sentidos e significações. Para tal, a pesquisadora adota o “método como desvio” elaborado por Walter Benjamin, na busca por conhecer a relação das crianças com as mídias.

Método é desvio. A apresentação como desvio – eis o caráter metodológico do tratado. Renunciar ao curso ininterrupto da intenção é sua primeira característica. Incansavelmente, o pensamento começa sempre de novo, volta minuciosamente à própria coisa. Esse incessante tomar fôlego é a mais autêntica forma de existência e contemplação (BENJAMIN, 1985, p.50 *apud* FANTIN, 2009, p. 56).

Fantin afirma que a compreensão do método como desvio constitui-se na renúncia “à discursividade linear da intenção particular em proveito de um pensamento minucioso e hesitante, que sempre retorna ao seu objeto por diversos caminhos e desvios” (FANTIN, 2009, p.56). É um método em que o pensamento pára, retorna, avança, vem de novo, espera, hesita, e as hesitações conduzem a certa atenção leve e intensa que sinaliza “um saber deter-se admirado, respeitoso, hesitante e talvez perdido, onde as coisas a ver se dão lentamente” (idem).

Assim, na pesquisa qualitativa realizada por Fantin com crianças de 7 a 10 anos, de contextos socioculturais diversos (de escolas públicas e privadas de Florianópolis, no

Brasil, e de uma escola pública de Treviglio, na Itália), a investigadora fez uso do “método como desvio” e envolveu vários momentos: a exibição de um filme no cinema; o uso de questionário após a exibição do filme; a realização de entrevistas com vários grupos de crianças para aprofundamento de algumas questões; e, o acompanhamento, em uma escola pública, de um projeto didático sobre cinema.

Em relação ao uso da entrevista, a pesquisadora destaca que, por ser a entrevista um evento social, “não podemos absolutizar o que as crianças falam, porque de certa forma trata-se de uma fala editada que precisa ser entendida para além do momento da entrevista” (FANTIN, 2009, p.60).

Uma das constatações de Mônica Fantin a partir da pesquisa realizada foi o fato das crianças serem pouco ouvidas sobre o que elas pensam a respeito das coisas, o que acham daquilo que vêm nas mídias e quais sentidos e significações estabelecem nos contextos de vida a partir das narrativas midiáticas. Essa constatação corrobora a importância de ouvir com atenção as crianças nas investigações, ou seja, é preciso adotar o princípio metodológico da “dialogia” no processo de pesquisa com crianças, indicativo metodológico apontado aqui por diversos pesquisadores e mencionado também por Fantin.

Assim, partilho das ideias apresentadas por Mônica Fantin a respeito da realização de pesquisas com crianças, que estejam alicerçadas em princípios éticos e em instrumentos teórico-metodológicos coerentes e equilibrados, visando conhecer os modos e os sentidos do público infantil na relação com as narrativas midiáticas. Pois,

Acreditamos que na especificidade de uma pesquisa com crianças seja possível dialogar com outras experiências, e neste caminho, o método como desvio pode ajudar não só a encontrar trilhas para melhor entender a relação entre crianças, mídias e cultura, como a construir outras possibilidades de entender a própria pesquisa com crianças (FANTIN, 2009, p.69).

Considerações Finais

Segundo Jucirema Quinteiro, “[...] pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e se pergunta às crianças [...]” (QUINTEIRO, 2002, p. 21). Por isso, considero importante um estudo atento acerca das crianças na busca por conhecer

as manifestações infantis, os seus olhares sobre a realidade, enfim as suas vivências e experiências na *sociedade multitela*³, a partir de sua cultura lúdica.

O estudo que busca conhecer os discursos e manifestações das crianças acerca da sua relação com as mídias eletrônicas na contemporaneidade, talvez nos permita adentrar um pouco no universo desse *outro* e ver como as crianças se relacionam com as mídias, de que forma a sua cultura lúdica se entrecruza com a cultura midiática, pois

[...] a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. (...) Não se trata, então, de que – como pedagogos, como pessoas que conhecemos as crianças e a educação – reduzamos a infância a algo que, de antemão, já sabemos o que é, o que quer ou do que necessita (LARROSA, 1999, p. 184-188).

A respeito disso, vale perguntar: o que conhecemos das crianças com as quais lidamos nos contextos da educação infantil?; quem são essas crianças?; quais manifestações apresentam num mundo permeado pela cultura digital? de que forma essa cultura digital tem atravessado a cultura lúdica de meninos e meninas nas instituições de educação infantil?; ou será que nesses contextos educativos não é possível identificar traços da cultura midiática? São estas algumas das indagações que impulsionam a continuidade dos estudos e pesquisas acerca da relação infância e mídias sob o ponto de vista das crianças. Ou seja, tentar conhecer as infâncias e as crianças inseridas nos contextos das instituições de educação infantil e buscar compreender a sua relação com a cultura midiática a partir do olhar delas próprias.

Portanto, considerando a importância da participação das crianças nas pesquisas “o cruzamento de procedimentos que capturem as diferentes expressões infantis,

³ Píer Cesare Rivoltella (2008) toma emprestada a ideia de Manuel Pinto (2005) para denominar a sociedade contemporânea de *sociedade multitela*. Ou seja, na sociedade atual, os dispositivos midiáticos multiplicam os espaços do ver, provocando uma reconfiguração do olhar, o qual passa a ser móvel, intermitente e interativo. A multiplicidade das telas resulta mais pontos de acesso à informação, que não está mais guardada nos depósitos (na biblioteca, no arquivo), porém, essa possibilidade de acesso à informação não implica acesso ao saber. “O ver e o saber, as lógicas da visão e da apropriação dos significados, constituem duas modalidades por meio das quais desde sempre, mas sobretudo neste contexto, articula-se o nosso viver social. Multiplicar as telas significa não só multiplicar as possibilidades do ver e do saber, mas também dos espaços do habitar, do viver social” (RIVOLTELLA, 2008, p. 43).

contrariando a lógica comunicacional adultocentrada, possibilita a construção de uma relação mais comunicativa, num desafiador processo no sentido da aproximação com os diferentes grupos infantis” (ROCHA, 2008, p. 49).

O desafio está posto e se revela instigante, pois “temos muito a aprender e conhecer sobre as crianças tratadas no plural, - suas múltiplas infâncias vividas em contextos heterogêneos – e temos muito a debater sobre as orientações teórico-metodológicas, quando se trata de *pesquisa com crianças*” (ROCHA, 2008, p. 44, grifos da autora).

Referências

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. Tradução de Gilka Girardello e Maria Isabel Orofino. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *Children talking television: the making of television literacy*. London: Falmer Press, 1993.

FANTIN, Mônica. A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas. In: GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Mônica (Orgs.). *Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças*. Coleção Cadernos CED; n.14. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

GIRARDELLO, Gilka; OROFINO, Maria Isabel. A pesquisa de recepção com crianças: mídia, cultura e cotidiano. In: GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Mônica (orgs.). *Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças*. Coleção Cadernos CED; n.14. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

HODGE, Bob; TRIPP, David. *Children and television: a semiotic approach*. Palo Alto: Stanford University Press, 1986.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

OROZCO GÓMEZ, Guilherme. *Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1996.

PINTO, Manuel. A busca da comunicação na sociedade multi-eclãs: Perspectiva ecológica. *Comunicar*, n. 25, 2005, pp.259-264.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil - Um campo de estudos em construção. In: FARIA, A. L. Goulart de, DEMARTINI, Z. de B. Fabri e PRADO, P. Dias. *Por uma cultura da infância – Metodologias de pesquisa com crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2002.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. A formação da consciência civil entre o “real” e o “virtual”. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Orgs.). *Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.

SALGADO, R. G.; PEREIRA, R. M. R.; SOUZA, S. J. e. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. In: *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 9-24, jan./abr. 2005.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Tradução e transcrição de Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 1995.